

# COMPARAÇÃO ENTRE OS DIÁRIOS DE WALMIR AYALA, LÚCIO CARDOSO E HARRY LAUS: CONSIDERAÇÕES FINAIS DE UMA PESQUISA

*Daniele Ribeiro Fortuna* (UNIGRANRIO e Funadesp)<sup>1</sup>  
[drfortuna@hotmail.com](mailto:drfortuna@hotmail.com)

## RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo apresentar os resultados finais da pesquisa “Os diários de Walmir Ayala, Lucio Cardoso e Harry Laus: expressões do corpo e da emoção”. Iniciada em 2016, o projeto teve como objetivos analisar os diários dos escritores Walmir Ayala, Lucio Cardoso e Harry Laus no que diz respeito à expressão de seus corpos e suas emoções. Primeiramente, os diários foram lidos. A partir dessa primeira leitura, foram elencados os principais temas abordados por cada escritor. Com base nesses temas, e focando a questão do corpo e da emoção, realizou-se uma reflexão teórica, que possibilitou uma análise mais aprofundada de cada diário. Por fim, efetuou-se uma comparação das obras. O resultado desta comparação será aqui apresentado.

### **Palavras-chave:**

**Corpos. Emoções. Diários masculinos.**

## ***1. Introdução***

Em 2015, teve início ao projeto de pesquisa “Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala: corpos e emoções nos diários”, contemplado no Edital Jovem Cientista do Nosso Estado da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), em 2014. O objetivo era analisar e comparar os diários dos escritores Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala, tendo como o foco seus corpos e suas emoções. Aproximadamente na mesma época, na década de 1950, esses autores escreveram suas obras, tornando-as um espaço de desabafo, de expressão de suas emoções, de resistência e sobrevivência às dificuldades que tiveram que enfrentar. Carolina Maria de Jesus escrevia para lidar com a miséria em que vivia na favela. Maura Lopes Cançado escrevia para desabafar sobre o manicômio e sua condição de doente mental. E Walmir Ayala, para enfrentar seus problemas e as questões relativas à sua homossexualidade.

---

<sup>1</sup> A autora agradece à Funadesp / UNIGRANRIO pelo financiamento da pesquisa.

Tal projeto resultou na pesquisa que agora apresento: “Os diários de Waldir Ayala, Lucio Cardoso e Harry Laus: expressões do corpo e da emoção”, iniciado em 2016, com financiamento da Funadesp / Unigranrio. No mesmo período em Carolina, Maura e Ayala escreveram seus diários, outros dois autores também se tornaram relevantes no cenário cultural brasileiro: Lúcio Cardoso e Harry Laus. As análises dos diários de Carolina, Maura e Ayala, obviamente, revelaram diferenças e semelhanças entre os autores. Enquanto Carolina e Maura são diretas e contundentes em relação aos temas expostos em seus textos, Ayala os relata de maneira um tanto velada, principalmente, quando aborda a questão da sua homossexualidade. Esta diferença é característica também das memórias de Harry Laus e Lúcio Cardoso – embora cada um tenha seu posicionamento sobre o assunto.

Com isso, busquei analisar e comparar os diários de Waldir Ayala, Harry Laus e Lúcio Cardoso. O foco foi o diário como extensão do corpo e como espaço de expressão das emoções. Pretendi ainda perceber como a homossexualidade foi tratada por esses autores, em um momento em que pouco se abordava o tema e, quando se fazia, era de forma bastante reservada e comedida.

Cabe observar que, enquanto Ayala e Cardoso eram intelectuais e homossexuais assumidos, que sobreviviam exclusivamente a partir de suas atividades como escritor, dramaturgo e crítico literário, Harry Laus, durante muito tempo, foi oficial do Exército, fato que marcaria sua vida e sua carreira literária.

Aqui apresentarei a estruturação da pesquisa e sua metodologia. Em seguida, farei uma breve apresentação dos escritores e me deterei sobre cada diário, para, posteriormente, compará-los.

## ***2. Estruturação da pesquisa***

Primeiramente, fiz uma leitura prévia dos diários. Depois, realizei uma pesquisa bibliográfica sobre as escritas de si e também sobre os temas “corpo”, “emoção” e “gênero”. Em seguida, após analisar as discussões apresentadas no material coletado, li detidamente cada diário.

Procurei listar os temas presentes nas obras, identificando os que ocupavam maior número de páginas. Com isso, foi possível perceber o que parecia afetar mais os corpos de cada autor e como suas emoções eram tratadas.

Os diários de Walmir Ayala, Lucio Cardoso e Harry Laus têm muito em comum: falam de histórias de perdas e deslocamentos, e também de emoções semelhantes. São temas recorrentes nas obras a carreira literária, o interesse pela ficção e a morte. Quanto às emoções, referem-se constantemente à angústia, à tristeza, à melancolia, à solidão...

A trajetória de cada um desses escritores revela muito sobre seus corpos e emoções, por isso, antes de abordar os diários, apresentarei brevemente cada escritor.

### **3. *Quem foram Ayala, Lúcio e Laus?***

Como afirmei anteriormente, os três escritores têm muito em comum e, inclusive, chegaram a se conhecer. Na verdade, Ayala e Lúcio eram grandes amigos. Ambos citam um ao outro em seus respectivos diários.

Walmir Ayala nasceu em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 4 de janeiro de 1933. O pai, Sylvio Solano Ayala, era mecânico de automóveis. A mãe, Letterina Riccardi Ayala, faleceu quando Ayala tinha apenas quatro anos. O escritor iniciou sua carreira literária em Porto Alegre, onde começou a cursar Filosofia. Seu primeiro livro, *A face dispersa*, foi publicado aos 23 anos com a ajuda do pai que, na verdade, queria desestimulá-lo a ser escritor. Ele acreditava que, com o fracasso do livro, o filho desistiria da profissão. Mas foi inútil. Ayala abandonou a universidade e se mudou para o Rio de Janeiro. Lá trabalhou em diversos veículos da imprensa carioca, como *Jornal do Brasil*, *Tribuna da Imprensa*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Commercio*, *Diário Carioca*. Sua carreira como escritor foi frutífera: publicou mais cem obras (PAIXÃO, 2011), de diversos gêneros literários – literatura infantil, teatro, poesia, romance etc. Homossexual assumido, Walmir Ayala tratou sobre o assunto em seu diário – ainda que de forma um tanto velada –, no final da década de 1950 e início dos anos 60. Abordou o tema também em outras obras.

Depois de muitos anos no Rio de Janeiro, Ayala se mudou para a cidade de Saquarema, no litoral do estado. Viveu lá muitos anos com seu filho adotivo, Gustavo Adolfo Cox. Em 1989, aos 19 anos, Gustavo se suicidou. Dois anos depois, em agosto de 1991, Walmir Ayala faleceu

após sofrer um infarto. A vida do escritor foi marcada por essas duas grandes perdas – a de sua mãe e a de seu filho.

Harry Laus nasceu em Tijucas, Santa Catarina, em 11 de dezembro de 1922. Foi o mais novo de doze irmãos, que cuidaram dele depois da morte de sua mãe, quando Laus tinha seis anos de idade. Em 1943, mudou-se para o Rio Grande do Sul, onde cursou o ginásio e, em seguida, a Escola Preparatória de Cadetes do Exército.

Por ser militar, viveu em várias regiões do país, como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Natal, Minas Gerais, Mato Grosso etc. Em 1964, foi promovido à patente de Tenente-Coronel e foi para a reserva. Por ser homossexual e por causa de problemas administrativos, foi coagido a fazer um requerimento de próprio punho solicitando sua transferência para a reserva (VIEIRA, 2009). Apesar de militar, Harry Laus era boêmio: gostava da noite carioca, frequentava os bares da cidade e fumava bastante.

Desde jovem, interessava-se pelas artes plásticas e literatura. Muito novo, começou a publicar ensaios, contos e crônicas em jornais e recebia prêmios por seus textos. Em 1958, lançou seu primeiro livro de contos, *Os incoerentes*. Sua carreira como escritor e crítico sempre foi profícua. Publicou vários livros e textos em jornais. Ao deixar o Exército, continuou escrevendo para jornais e também atuou em instituições relacionadas à cultura – foi curador de exposições no Museu de Arte de Santa Catarina e, posteriormente, seu diretor, por exemplo. Morreu em 1992 por causa de um câncer pulmonar. Apesar da sua relevância no cenário do cultural das décadas de 1960 e 1970, atualmente é pouco conhecido do grande público.

Lúcio Cardoso nasceu na cidade de Curvelo, Minas Gerais, em 14 de agosto de 1912. De acordo com Roseane Paixão (2011), seu pai era um aventureiro desbravador. A mãe, Maria Wenceslína Cardoso, era costureira. Lúcio tinha cinco irmãos: Maria Helena, Maria de Lourdes, Regina, Adauto Lúcio Cardoso e Fausto Cardoso.

Por causa do espírito aventureiro de seu pai, Lúcio Cardoso morou em várias cidades, principalmente em Minas Gerais, um dos cenários mais comuns de sua obra. Os primeiros anos de sua infância foram em Belo Horizonte. Aos 11 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde, depois de alguns anos, nasceria a paixão pelo cinema, pelo teatro e pela literatura. Aos 12, por não se dedicar aos estudos, foi obrigado a voltar a Minas Gerais, onde passou a estudar num colégio interno.

Cerca de quatro anos depois, Lúcio Cardoso voltou a viver no Rio de Janeiro, no bairro de Copacabana, sem ter concluído o antigo segundo grau. Ao voltar para a casa, aproximou-se de sua irmã, Maria Helena, que se tornou sua amiga fiel.

Muito cedo, passou a dedicar-se à escrita e, em 1934, publicou seu primeiro livro, *Maleita*, ao qual se seguiram vários outros, que o tornariam um escritor importante no cenário literário brasileiro. O escritor também se dedicou à pintura, ao cinema e ao teatro, além de ter atuado na imprensa carioca.

Lúcio Cardoso vivia de forma desregrada. Passava noites bebendo e, muitas vezes, usando drogas. Sua vida boêmia o acabou levando a passar por dificuldades financeiras e foi a causa também de seus problemas de saúde. Em 1962, teve seu primeiro acidente vascular cerebral e, embora tenha sido alertado pelos médicos, não se cuidou como deveria. No mesmo ano, teve um derrame cerebral que quase o matou e que o impediria de escrever e o levaria a se dedicar somente às artes plásticas. Alguns anos depois, sofreu novamente um derrame cerebral, que culminou com sua morte, em 1968.

#### **4. Os diários: luto, melancolia e silenciamento**

Walmir Ayala, Lúcio Cardoso e Harry Laus viveram intensamente o luto, e o interesse (muitas vezes, quase mórbido) se revela em vários trechos de seus diários. Entretanto, ao contrário de Ayala e Laus, que perderam suas mães na infância, Lúcio vivenciou essa morte já na fase adulta, descrevendo-a, inclusive, em seu diário.

Dos três, Ayala é quem cita mais recorrentemente a morte. Quase todas as 400 páginas do seu diário fazem referência ao assunto. Constantemente, ainda, fala sobre sua mãe. O escritor parece viver um luto mal resolvido, um luto sem fim.

Se, por um lado, é possível perceber uma atração de Walmir Ayala pela morte, por outro, há um movimento de repulsa. Trata-se de uma relação de abjeção, conforme propõe Kristeva (1982). Segundo Fortuna (2018):

Para Kristeva (1982), a primeira experiência do sujeito como ser, em relação ao mundo, é de plenitude, de conjunção total com o ambiente que o rodeia, sem nenhum tipo de fronteira. Entretanto, os limites entre o ser, o mundo e os outros precisam ser delineados. É aí que entra a abjeção: o

sujeito começa a tentar selivrar e rejeitar o que parece não fazer parte dele mesmo. (FORTUNA, 2018, p. 86)

Nesse sentido, Ayala procura se livrar desses pensamentos que o perturbam sobre a morte. Entretanto, parece também procurá-los e, muitas vezes, se vê assombrados por eles: “Mas sou um excessivo, e hoje senti uma premência de morte. Não realizar o amor seria morrer, perder pelo menos a urgência do plano a desfrutar”. (AYALA, 1963, p. 60).

O escritor parece ainda relacionar amor à morte. Talvez essa associação se dê em função da morte da pessoa que o escritor diz ter amado profundamente, sua mãe: “Porque só o amor importa, amor de belos, de corpos e almas em floração. Dizendo isto me nego tudo. Principalmente este direito de um grande amor cuja chave perdi com a morte de minha mãe” (AYALA, 1962, p. 59-60).

Outro tema sempre abordado é a melancolia. Em vários trechos, ele diz sentir-se triste, melancólico, angustiado... Porém, este assunto ainda é mais presente no diário de Lúcio Cardoso. Por isso, tornou-se foco da análise.

Nos volumes que compõem o diário de Lúcio, parece haver uma contradição constante: ora o escritor quer buscar à felicidade, ora se entrega à tristeza. O segundo movimento acaba prevalecendo. Observa-se também que Lúcio Cardoso vive um sentimento de vazio. Na análise, relacionei esse ‘vazio’ ao que David Le Breton (2018) denomina de ‘branco’: “O indivíduo é prisioneiro de um marasmo de sua história cuja consciência nem sempre é evidente” (LE BRETON, 2018, p. 68).

No caso de Lúcio Cardoso, este parece ter consciência do estado em que vive e se sente atormentado com isso:

É inacreditável o extraordinário número de formas de sofrimento que criamos para nós mesmos. Jamais poderia imaginar, em situação alguma, que existisse solidão idêntica a esta. (...) é antes o vivo sentimento de que nos subtraíram uma parte vital do ser mais íntimo, que dentro de nós há uma carência absurda, um vácuo que nada mais poderá completar. (CARDOSO, 2012, p. 332)

Assim, o ‘branco’ é este vácuo do qual fala Lúcio: uma situação que faz parte do seu cotidiano e da qual não consegue se desvencilhar. A melancolia o toma e se mistura a uma sensação avassaladora de tédio: “A vastidão dos dias iguais, a monotonia das faces que se encontra[m], perenemente as mesmas... Existe acaso pior coisa do que este sentimento

de repetição, de permanência do ido e vivido?” (CARDOSO, 2012 , p. 430).

Como não poderia deixar de ser, melancólica também é a morte para Lúcio Cardoso. Tal qual Walmir Ayala, refere-se muitas vezes ao tema, principalmente porque acompanha de perto a morte de sua mãe. Ele a vê definhando aos poucos, perdendo o brilho da vida, até que é chamado para se despedir dela.

A vida se esvai como um sopro: “Saio por minutos, a fim de atender pessoas que chegam – e afinal, quando regresso, ajoelhando-me ao chão, em companhia de outros irmãos, vejo-a pender a cabeça e exalar o último suspiro” (CARDOSO, 2012, p. 465). Lúcio se esconde para chorar. Não se trata de desespero, mas de tristeza e vazio, um pressentimento do desconhecido: “ah, assim é a morte: essa súbita parada, essa ponte no escuro” (CARDOSO, 2012, p. 465).

A mãe se vai, e melancolia permanece como fiel companheira. Uma melancolia que, em vários momentos, é acompanhada de silêncio: “Melancolia desse dia, e do vento. Não sei por que vêm no meu pensamento imagens de paredões e de cinza. Revolvo velhos papéis, leio, escrevo. Em torno de mim tudo é silêncio” (CARDOSO, 2012, p. 445).

E é o silêncio também que o une a Harry Laus. Assim como os outros dois escritores, Laus também fala de tristeza e morte. Perdeu sua mãe na infância, como Ayala, mas o que mais chama a atenção em seu diário é o que ele só revela nas entrelinhas: a questão da sua orientação sexual.

Nota-se, assim, um movimento por vezes contraditório de fala versus silenciamento. Laus se refere aos seus sentimentos. Sente-se sempre triste e angustiado. Também fala sobre seus vícios: cigarro e bebida.

Militar que viveu em diferentes regiões do Brasil, Laus parecia não conseguir se adequar à vida da caserna. Relata que não era bem visto por seus colegas, que, de certa forma, desprezavam sua atividade de escritor. Em seu diário, Laus (1998, p. 80) afirma: “Nenhum de meus colegas e futuros colegas associará a palavra literatura a meu nome. A palavra libertinagem, ou outra mais vulgar, viverá para sempre ligada à definição de minha personalidade”.

Não se refere diretamente à homossexualidade, mas suas impressões sobre os livros que lê são sobre obras que abordam o tema.

Um de seus escritores preferidos é André Gide, o qual sempre é citado por Laus: “Agora que leio o trabalho de André Gide, sou forçado a reconhecer que é uma obra de valor (...)” (LAUS, 1998, p. 17).

O escritor francês recebeu o prêmio Nobel de literatura em 1947 e é sempre lembrado por sua assumida homossexualidade e seu discurso em defesa dos homossexuais. Um de seus principais livros, *Corydon* – citado algumas vezes por Laus –, se apresenta como defesa a favor da homossexualidade. Publicado na íntegra em 1924, a obra trata abertamente sobre o tema – procurando, inclusive, justificar por meio de fundamentos biológicos a condição homossexual – em um momento em que o assunto não era discutido de forma alguma. (BETANCUR, 2016). Assim, Laus tece considerações sobre a obra de Gide – e de outros escritores que também se referem à homossexualidade -, num movimento que parece ser o de falar o que precisa ser silenciado.

Em carta a Claire Cayron, sua tradutora francesa, Laus afirma: “Não sei dar explicações convincentes para ti, mas posso vislumbrar algo na pobreza que caracterizou minha infância, na perseguição homossexual que sempre sofri na vida (família, igreja, exército, sociedade, eu próprio que não admito)” (LAUS apud MELO, 2001, p. 137).

Com isso, o silêncio de Harry Laus se mostra como uma tentativa de autoproteção. David Le Breton (1997) considera que o silêncio pode ser uma forma de proteger a intimidade. Le Breton (1997, p. 36) aponta ainda que: “O silêncio pode ser uma escolha, valorizada pela cultura, alimentando uma sobriedade de linguagem característica, mas é também, por vezes, uma consequência das circunstâncias que levam o indivíduo a refrear a sua fala (...)”. Dessa forma, a solidão de um sujeito em um grupo no qual sua presença não é desejada ou com o qual ele não tem qualquer tipo de afinidade, por exemplo, também o faz se calar.

## 5. *Considerações finais*

Os diários de Walmir Ayala, Lúcio Cardoso e Harry Laus apresentam muitas semelhanças. São três escritores cuja vida é repleta de tristezas. Estão sempre revelando suas angústias, seu vazio, seu tédio.

Os três ainda refletem constantemente sobre o seu trabalho e sobre a importância da literatura em suas vidas. Como apontei acima, outro assunto constantemente citado é a morte. Ayala, Lúcio e Laus perderam suas mães e tiveram sua trajetória marcada por isso. Ayala e



Laus talvez mais, porque a morte se deu na infância. Mas, em relação a Lúcio Cardoso, é possível perceber toda dor e sofrimento dessa perda na cena em que descreve o falecimento de sua mãe.

Acredito que a maior diferença entre os três diários seja a forma como cada um deles aborda a homossexualidade. Apesar de não abordar diretamente o assunto, refere-se aos seus parceiros - utilizando o artigo masculino - e a relacionamentos e desilusões. São várias páginas em que revela seu desamparo: “Eu sou um desamado irremediável” (AYALA, 1963, p. 60).

Já Lúcio Cardoso optou claramente por não tratar do tema. E não porque desejava escondê-lo - também havia se assumido -, mas por acreditar que não era necessário:

Se de nem tudo falei, se sobre aquilo que provavelmente constituiria o interesse do público mais numeroso calei-me ou apenas sugeri o que devia ser verdade, é que um arrolamento constante de fatos sempre me pareceu monótono e sem interesse para ninguém. A questão sexual, por exemplo, que alguns leitores provavelmente reclamariam, que adiantaria estampá-a, destituída de força, apenas para catalogar pequenas miséria sem calor e sem necessidade? Mas por outro lado, procurei, para com as minhas ideias e os meus sentimentos, ser tão exato quanto possível. (CARDOSO, 2012, p. 358)

Para Harry Laus, esta parece ser uma questão mais sensível. Como observei, há um movimento paradoxal de fala e silenciamento: ele parece quer calar-se, mas não consegue. Então, encontra outras formas de falar sobre o tema.

Talvez o fato de ser militar durante a redação do diário o tenha influenciado nesse movimento. Ao se expor, podia se ver obrigado a pedir desligamento das Forças Armadas, que foi o que de fato aconteceu.

Seja falando, evitando o tema ou encontrando formas de dizer sem falar, não se pode negar a importância desses escritores para a literatura brasileira e a sua coragem de - cada um a seu modo - expor um assunto que até hoje pode ser um tabu na sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYALA, Walmir. *Diário I – Difícil é o reino*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1962.

\_\_\_\_\_. *Diário II – O visível amor*. Rio de Janeiro: José Alvaro, 1963.

- \_\_\_\_\_. *Diário III – A fuga do arcanjo*. Rio de Janeiro: Brasília, 1976.
- BETANCUR, Juan David González. André Gide e o discurso imoralista. In: *Periódicus*, n. 4, v. 1, nov. 2015 – abr. 2016, p. 58-75.
- CARDOSO, Lúcio. *Diários*; organização Ésio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- FORTUNA, Daniele Ribeiro. Luto e escrita no diário de Walmir Ayala. In: *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 29, p. 94, jan./jun. 2018, p. 79-94.
- KRISTEVA, Julia. *Powers of horror*. Trad. de Leon S. Roudiez. Nova York: Columbia University Press, 1982.
- LAUS, Harry. *Impressões de leituras*. Florianópolis: Bernúncia, 1998.
- LE BRETON, David. *Do silêncio*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MELO, Maria Albertina Freitas de. *Contrapontos: as cartas de Harry Laus e de sua tradutora francesa*. 2001. 496 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- PAIXÃO, Roseane Cristina da. *Quando a arte imita a vida: ficção e memória nos diários de Lucio Cardoso e Walmir Ayala*. 2011. 209 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de São João Del Rey, São João Del Rey, 2011.
- VIEIRA, Maria Aparecida Borges. *Os papéis de Harry Laus: um perfil do crítico de arte no jornalismo brasileiro*. 2009. 374 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.